

RITMOS PERNAMBUCANOS EM SALA DE AULA: UM RELATO DE VIVÊNCIA

Álvaro Henrique Braga Magalhães¹
Alesson Lucas Oliveira de Queiroz²
Isaac Victor de Barros Nascimento³
Jackson Douglas Alves Cavalcanti⁴
Robert Vinicius Ferreira Wanderley⁵

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz relatos de vivências em aulas dos anos finais do ensino fundamental de uma escola municipal pernambucana, abordando como os ritmos pernambucanos podem ser inseridos no componente curricular de Artes. Considerando que essa disciplina faz parte da área de linguagens, é importante ressaltar que a Base Comum Curricular estimula a inclusão de culturas regionais nas aulas. Neste trabalho, serão descritas experiências de uma turma, na qual o professor além de trabalhar os ritmos pernambucanos dentro de aulas expositivas, também promoveu a confecção de instrumentos musicais percussivos. O objetivo geral do trabalho consistiu em trabalhar os ritmos pernambucanos de forma musical. Como objetivos específicos, buscou-se estimular a sustentabilidade por meio da reciclagem, compreender a cultura pernambucana em suas manifestações rítmicas e desenvolver a musicalidade dos participantes. Para a construção do referencial teórico, foram utilizados artigos que abordam a questão dos ritmos pernambucanos e também o ensino de artes. Entre eles, destacam-se Araújo (1996), Rezende (2009) Gaulke (2013) e Oliveira (2024). Além da Base Nacional Comum (2016), e LDB (1996) como parâmetro legal. O trabalho se justifica por integrar a sustentabilidade ao utilizar materiais reciclados na produção cultural, e valorizar os ritmos pernambucanos preservando suas tradições de forma criativa e educativa.

A obrigatoriedade do ensino de artes nos anos finais do ensino fundamental é assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, além de ser reforçada pela Base Nacional Comum Curricular (2017). Essa legislação garante que todos os alunos tenham acesso ao componente de artes, que se insere nas áreas das linguagens. Gaulke (2013) lembra que essa regulação estabelece que profissionais qualificados nessas áreas estejam aptos

¹ Licenciando em Música pela UFPE; Aluno Bolsista do PIBID – alvaro.magalhaes@ufpe.br

² Professor efetivo de Artes da Rede Municipal do Recife; Supervisor do PIBID - alesson.queiroz@ufpe.br

³ Licenciando em Música pela UFPE; Aluno Bolsista do PIBID - isaac.barros@ufpe.br

⁴ Licenciando em Música pela UFPE; Aluno Bolsista do PIBID - jackson.cavalcanti@ufpe.br

⁵ Licenciando em Música pela UFPE; Aluno Bolsista do PIBID - robert.vinicius@ufpe.br

a ministrar as aulas de artes, como exemplo dos músicos, pois, aqueles que possuem licenciatura podem lecionar dentro da educação básica.

No caso de Pernambuco Araújo (1996) ressalta que ritmos como maracatu ligados a cultura do carnaval na região pernambucana vão muito além das festividades do período carnavalesco, pois as bandas de maracatu, dedicam boa parte do ano, especialmente a partir do segundo semestre, à preparação para esse momento. Resende (2009) enfatiza que no contexto do maracatu, a confecção dos instrumentos e os ensaios dos ritmos executados são repletos de musicalidade e criatividade. Ao trazer esses elementos para a sala de aula, os educadores não apenas incentivam o aprendizado, mas também promovem a identidade cultural dos alunos, fortalecendo um senso de pertencimento e valorização da cultura pernambucana.

METODOLOGIA

Quanto à metodologia, este trabalho adotou a observação direta como procedimento principal, a qual se insere na abordagem qualitativa por privilegiar a compreensão de aspectos subjetivos e contextuais do fenômeno analisado. Ademais, para assegurar a fidelidade dos relatos, utilizou-se o relatório do PIBID, no qual foram descritas detalhadamente cada atividade desenvolvida e as etapas correspondentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse relato é construído a partir de três pontos centrais: os alunos, que participaram ativamente do processo; o professor de artes, licenciado em música e a o olhar de quatro integrantes do PIBID, programa que insere estudantes de licenciatura no contexto escolar para acompanhar e vivenciar na prática o trabalho docente. Inicialmente o professor solicitou que os alunos trouxessem alguns materiais recicláveis, como caixas de leite, garrafas PET e outros itens semelhantes. No primeiro momento, o professor contextualizou a turma através de aulas expositivas, mostrando vídeos e músicas. Em uma das atividades, realizou um ensaio rítmico sem o uso de instrumentos, apenas reproduzindo alguns padrões rítmicos característicos do maracatu, escrevendo no quadro os ritmos feitos pelas alfaaias, agogôs e Abês. Cada objeto correspondia a uma sonoridade específica: latinhas, por exemplo, foram utilizadas para simular o agogô; baldes de margarina proporcionaram sons mais graves, aproximando-se da alfaia; enquanto garrafas com arroz foram transformadas em chocalhos. Dessa forma, mesmo utilizando materiais recicláveis, foi possível criar uma diversidade de instrumentos que, além de criativos, buscavam uma equivalência sonora com aqueles presentes na tradição dos ritmos

nordestinos. Os resultados evidenciam a relevância de práticas que unem sustentabilidade e cultura, mostrando que é possível produzir musicalidade a partir de materiais reciclados. A experiência reforça a importância de valorizar a cultura regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, a partir da descrição das atividades realizadas e do referencial teórico apresentado, que a proposta de trabalhar os ritmos pernambucanos em sala de aula trouxe diferentes esferas da arte e estabeleceu diálogos com outros temas transversais, um deles foi a questão da sustentabilidade, visto que, ao confeccionar os instrumentos, utilizou-se o reaproveitamento de materiais que seriam descartados. Outro ponto de destaque está relacionado à diversidade cultural, reconhecida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como elemento fundamental a ser trabalhado na escola. A vivência dos ritmos pernambucanos contribuiu para valorizar as manifestações artísticas enraizadas na própria cultura do estado e promovendo o reconhecimento de suas tradições. Nesse sentido, a atividade desenvolvida possibilitou o trabalho com o ritmo e a musicalidade, alinhando-se a essa perspectiva formativa.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996

RESENDE, Tarcísio. Por Dentro do Baque. In: SANTOS, C. de Oliveira. Batuque book: maracatu: baque virado e baque solto. 2ª ed. Recife: Editora do Autor, 2009, p. 33 – 35.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – 2º Versão. Brasília: MEC. 2016b.

BRASIL, Ministério da Educação. A Base Nacional Comum Curricular – A Etapa do Ensino Fundamental. Brasília: MEC. 2017

GAULKE, Tamar G. Aprendizagem da docência: um estudo com professores de música da educação básica. Revista da Abem, v. 21, n. 31, p. 91-104, 2013

OLIVEIRA, Wenderson Silva; SOUZA, Rodrigo Oliveira de. Música na Base Nacional Comum Curricular: reflexões sobre as propostas curriculares para o Ensino Fundamental. Revista da Abem, [s. l.], v. 32, n. 1, e32109, 2024. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1311/695> . Acesso em 02/08/2024